

Mural em Teerão representa Donald Trump e Benjamin Netanyahu a afogarem-se.

EPA/ABEDIN TAHERKENAREH



O “impasse mutuamente doloroso” dos EUA e do Irão

CONFLITO A retórica de ambos os países não dá sinais de desagramento nem de regresso às negociações, apesar de ser esse o desejo comum. Trump ameaça retaliar ataques a navios e Ghalibaf em espalhar a guerra pela região.

TEXTO CÉSAR AVÓ

Despedindo-se, como já é habitual nas suas mensagens, com um “obrigado pela atenção a este assunto”, o presidente dos Estados Unidos subiu a fasquia do conflito ao afirmar na rede Truth Social que o seu país irá ripostar a cada ataque iraniano a um navio. “A partir deste momento, sempre que a República Islâmica do Irão disparar contra um navio no estreito de Ormuz, seja por míssil, foguete, drone ou qualquer outro dispositivo ou arma, os Estados Unidos irão bombardear e destruir uma ponte ou central elétrica, incluindo aquelas localizadas junto ou dentro da capital Teerão.” O fraseado do memorando de entendimento assinado por Donald Trump e Masoud Pezeshkian abriu caminho para que Teerão se visse como o soberano do estreito de Ormuz, impondo taxas e rotas autorizadas e atacando navios

que não se submetam. Até que ponto os EUA e o Irão estão dispostos a puxar a corda até esta esgaçar?

Teerão e Washington entraram nesta fase do conflito depois de o Irão ter atacado um navio que atravessava a via marítima responsável pelo trânsito de um quinto dos hidrocarbonetos. No dia 8, o presidente dos EUA perdeu a paciência e declarou o fim do memorando de entendimento e correspondente cessar-fogo enquanto insultava a liderança iraniana. Depois lançou para o ar a ideia de os EUA tomarem o controlo do estreito e serem os beneficiários de uma taxa no valor de 20% dos produtos transportados, ideia abandonada no dia seguinte. Retornado foi o bloqueio naval aos portos iranianos, medida que recebeu a contramedida por parte dos houthis, aliados do Irão. O grupo armado que controla parte do Iémen pôs em prática um